



Comunicação e Trabalho: formas de expressões do homem¹

Adaci A. O. ROSA DA SILVA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

A proposta deste artigo é trabalhar na interface do discurso artístico com as teorias que discutem a Comunicação e o Trabalho. O homem se vale de diferentes formas simbólicas para expressar a realidade. As letras de músicas, tal como os documentos literários, tornam conscientes as aspirações e necessidades dos indivíduos, as suas relações sociais, o modo de ver o mundo e falar sobre a vida. A Comunicação e o Trabalho, atuando como um binômio, expressam ininterruptamente a realidade por meio da linguagem e revelam o percurso sócio-histórico e cultural da experiência humana. Pretende-se pela análise deste discurso artístico iluminar um período da história brasileira marcado pelas mudanças políticas e econômicas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; trabalho; teorias; cultura; música.

Introdução

Historicamente o homem se vale de diferentes formas simbólicas para expressar a realidade. A poesia e a música são linguagens que revelam registros da vida cotidiana; expressam as representações sociais de seus autores, constituindo os contextos históricos, enfim, são evidências que permitem a compreensão histórica da cultura e da sociedade mediante suas formas de comunicação.

As letras de músicas, tal como os documentos literários, tornam conscientes as aspirações e necessidades dos indivíduos, as suas relações sociais, o modo de ver o mundo e falar sobre a vida. Neste sentido, a música popular pode ser um instrumento de representação da vida cotidiana, que “todos vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja o seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico” (HELLER, 2008, p.31). Isto é possível ao se incluir na letra da canção “o modo como, em diferentes lugares e em

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, email: adaci.rs@gmail.com, sob orientação da Profa. Dra. Roseli Figaro. Integrante do Grupo de Pesquisas Comunicação e Trabalho (ECA-USP).



diferentes tempos, uma determinada realidade social é pensada e construída” (ABUD, 2005, p.312), visto que “a palavra é a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios” (BAKHTIN, 1988).

Ao elegermos duas características peculiares ao homem: a comunicação e o trabalho, estas são, certamente, duas formas de expressão que perfazem esta condição. O ineditismo e a estética são competências que diferenciam a atividade humana na natureza e, que embora lhe sejam princípios fundantes, tornam-se quase invisíveis e fluem no cotidiano. O que se busca evidenciar neste texto são nexos entre a atividade de trabalho e a sua representação social pela comunicação.

Luis Tatit, citado por Abud (2005, p.313), ressalta que “o canto sempre foi uma forma potencializada da fala”, e aqui se insere a pauta do cantor brasileiro Gonzaguinha, carregada de significado social e histórico, quando ele compõe sobre o homem do seu tempo: “*Seu sonho é sua vida/E a vida é trabalho*”. Este enunciado se encontra na canção “Guerreiro Menino”, que reproduzimos a seguir:

(...)

*Um homem se humilha
Se castram os seus sonhos
Seu sonho é sua vida
E a vida é trabalho*

*E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata*

*Não dá pra ser feliz
Não dá pra ser feliz... (...)*

*Título da Canção: Guerreiro Menino
Autoria: Gonzaguinha
Álbum: Geral, 1983*

Gonzaguinha é um músico brasileiro representante da década de 1980, e que trazia em suas obras a situação social e política que o Brasil atravessava: um período de transição para a redemocratização, mas fortemente marcado pelas reminiscências da ditadura militar. Teve várias obras censuradas, reflexo deste contexto político repressor.



Comunicação e Trabalho

“Mas que atividade é esta, especificamente humana, a que chamamos trabalho?” Esta questão foi proposta por Léontiev (2004, p.80), e segundo este autor “o trabalho é um processo que liga o homem à natureza, o processo de ação do homem sobre a natureza.” Léontiev acrescenta a definição escrita por Marx :

“O trabalho é primeiramente um ato que se passa entre o homem e a natureza (...). As forças de que seu corpo é dotado, braços e pernas, cabeças e mãos, ele as põe em movimento a fim de assimilar as matérias dando-lhes uma forma útil a sua vida. Ao mesmo tempo que age por este movimento sobre a natureza exterior e a modifica, ele modifica a sua própria natureza também e desenvolve as faculdades que nele estão adormecidas”. (LÉONTIEV, 2004, p.80)

Outro aspecto ressaltado pelo autor é que o “trabalho se efetua em condições de atividade comum coletiva”. É na relação com os outros membros, na sociedade, que o processo se implementa, há a troca de atividades culminando na “forma primitiva da divisão técnica do trabalho” (LÉONTIEV, 2004, p.81).

O trabalho aqui representa o ciclo da vida, é no mundo do trabalho que o homem se apresenta por completo, sendo condição para sua evolução a sua ligação com o coletivo, ações individuais ganham significado e importância a partir destas relações sociais.

Além dessas razões, para se explicar a centralidade do trabalho na vida do homem, Ortega y Gasset apresenta uma explicação para a estreita comunhão da vida à um objetivo, no nosso caso aplicamos ao desejo pelo trabalho, fato que floresceu na sociedade humana racionalizada:

“A vida humana, por sua própria natureza, tem que estar dedicada a algo, uma empresa gloriosa ou humilde, a um destino ilustre ou trivial. Trata-se de uma condição estranha, mas inexorável, inscrita em nossa existência. Por um lado viver é algo que cada um faz por si e para si. Por outro lado, se essa minha vida, que só importa a mim, não é dedicada a algo por mim, caminhará desvencilhada, sem tensão e sem forma”.(2007, p.177)

O homem oscila entre o individual e o coletivo. O trabalho passa a ser uma via de mediação para o entendimento e a realização da vida.



A comunicação, como forma de expressão humana, se traduz por esta capacidade de apreensão da realidade e administração objetiva desta, por meio de processos mentais, para uma representação cujo significado somente se realiza quando em presença de um coletivo. Esta abstração e representação se dão por processos de significação, de tomada de consciência, e fixa-se na linguagem. O reflexo da realidade traduzido por palavras é “uma forma da consciência e do pensamento humanos” (LÉONTIEV, 2004, p.93).

Em conformidade com Bakhtin, as palavras são carregadas de significados de seu tempo. No trecho da letra da música apresentada está retratado um período da história brasileira, mas que poderia ser de qualquer outra classe operária de outro país: são as angústias de não se ter trabalho, quando a força de trabalho tornou-se a própria razão de ser.

O poema está baseado em uma estrutura silogística: *Um homem se humilha/Se castram os seus sonhos/Seu sonho é sua vida/E a vida é trabalho*, reflete que o sonho do homem é o trabalho e o trabalho é própria vida. De fato, há uma “ultrageralização³” (Heller, 2008, p.68), no mundo regido pelo capitalismo aquele que tem um trabalho tem o direito de viver, e aquele que não o tem não é digno da vida: não ter trabalho significa não existir socialmente, e ao desemprego se associa a humilhação, a morte.

Recorremos a Bakhtin (1988, p. 36) para podermos compreender os sentidos das palavras do compositor para a sociedade da sua época: “*A palavra é um fenômeno ideológico por excelência. Na realidade toda palavra é absorvida por sua função de signo. (...) A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.*” A vida está disciplinada pelo trabalho, mas no capitalismo a sua dignificação está amortecida, porque não se comunga do resultado da ação. Interessa aos proprietários dos meios de produção o controle da força de trabalho. A relação que existe entre o capitalista e o trabalhador é que este segundo se oferece como mercadoria no espaço de compra e venda, no mercado, e tal como mercadoria seu valor é determinado nos mesmos moldes dos demais artigos, como em Marx (1985):

³ A ultrageralização está na base do pensamento cotidiano, econômico, ou seja, pré-aceito como “verdadeiro” para dar fluidez à tomada de decisão instantânea. Neste contexto, usamos para realçar que o juízo que se faz da premência do trabalho para a vida humana carece de reflexão.



O valor da força de trabalho, como o de toda mercadoria, é determinado pelo tempo de trabalho necessário à produção, portanto também reprodução, desse artigo específico. (...). Para sua manutenção o indivíduo vivo precisa de certa soma de meios de subsistência. O tempo de trabalho necessário à produção desses meios de subsistência ou o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção do seu possuidor. A força de trabalho só se realiza, no entanto, mediante sua exteriorização, ela só se aciona no trabalho (MARX, 1985, p.141).

O único bem que restou ao homem moderno foi a sua própria força de trabalho, ele vende a si mesmo para garantir a manutenção da vida. De fato, a vida que o homem pode ter depende desta sua relação com o trabalho. “*A vida é trabalho*”: depois do conceito amadurecido sempre haverá uma palavra disponível (VYGOTSKY, 2005, p.8).

A comunicação na vida cotidiana, independente dos gêneros discursivos, se vale do “sentido das palavras que está na sociedade. Só assim podemos compreender a dinâmica dos signos linguísticos como dinâmica da vida humana” (FIGARO, 2008, p.87).

Na década de 1980, à época do lançamento desta canção, o Brasil vivia sob regime militar; era também um período de redemocratização, que ficou marcado pela união de intelectuais e trabalhadores na reorganização e articulação dos sindicatos e partidos políticos contra o autoritarismo e dominação sócio-econômica. A música popular brasileira, embora cerceada pela repressão e pela censura, também foi porta-voz de um discurso de resistência.

Este momento histórico-social vivido no Brasil na década de 1980 não pressupõe que a atividade de trabalho esteja no topo da hierarquia das demandas sociais, há um jogo de forças e elementos em contraste e em luta, mas o tema trabalho está devidamente justificado pelo momento de mudanças no processo produtivo. Antunes (2001) explica que o “quadro crítico” se instaura já a partir dos anos 1970:

“expresso de modo contingente como crise do padrão de acumulação taylorista/fordista, já era expressão de uma crise estrutural do capital que se estendeu até os dias atuais e fez com que, entre tantas outras consequências, o capital implementasse um vastíssimo processo de reestruturação, visando recuperar o seu ciclo reprodutivo e, ao mesmo, repor seu projeto de dominação societal, abalado pela confrontação e conflitualidade do trabalho, que (...), questionaram alguns dos pilares da sociabilidade do capital e de seus mecanismos de controle social.” (2001, p.47)



As novas tecnologias de informação e de comunicação reordenaram a produção, sem com isto alterar a relação capital-trabalho, a relação social de exploração foi mantida na mais-valia. O tempo de trabalho associado à produção foi reduzido com as novas tecnologias, reorganizado pelo capital, sem nova redistribuição das riquezas. O modelo taylorista-fordista de produção passa por mudanças, a flexibilização da produção e o modelo japonês, denominado “toyotista”, reorientam os processos produtivos. Isto significa um panorama ainda mais desfavorável ao já instável mercado de trabalho brasileiro. O enxugamento dos postos de trabalho pelas demissões em massa, diminuição dos níveis hierárquicos, a elevada inflação no país, a globalização do capital e adoção de políticas neoliberais, resultaram em vínculos trabalhistas ainda mais precários, no aumento do trabalho informal, larga terceirização e uma acentuada tensão social. O movimento operário e sindical está sufocado pela política autoritária.

Em contrapartida, as empresas buscam o realinhamento no mercado caracterizado pela economia transnacional, que segundo Harvey (1993) esse conjunto de transformações está fundamentado na tese de “acumulação flexível”:

(...) marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores da produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.(HARVEY,1993, p. 140)

Os discursos empresariais daquele momento minimizavam os efeitos contraditórios das mudanças do processo de produção. Novos conceitos circulavam amplamente na sociedade: a re-qualificação para as novas empresas e profissões que surgem, o trabalhador como “colaborador”, o papel do gestor, a gestão individual do trabalho pelo próprio trabalhador, e o empreendedorismo. Harvey (1993, p.174) identifica a “nova” ambiência das relações de trabalho ao tratar deste processo de mudança e a relação de mais-valia relativa (Marx), propondo que na “(...) denominada mais-valia relativa, a mudança organizacional e tecnológica é posta em ação para gerar lucros temporários para firmas inovadoras e lucros mais generalizados com a a redução dos custos dos bens que definem o padrão de vida do trabalho”. Busca-se uma conciliação dos novos modelos de produção, mas se mantém inalteradas as contradições inerentes ao processo de acumulação capitalista.



Passados mais de 20 anos do lançamento da música “Guerreiro Menino”, que exterioriza a insegurança trabalhador prestes a perder o emprego, que não se traduz somente por ser o meio de subsistência, mas também por significar o espaço de “ser” cidadão, podemos dizer que as relações trabalhistas estão ainda mais desfavoráveis aos trabalhadores.

O mercado de trabalho, que emergiu das inovações tecnológicas, implementou técnicas de organização do trabalho que usufruem dos fundamentos dos modelos tayloristas/fordistas sob os “auspícios” da “positiva” flexibilização do tempo e das relações de trabalho. Passou-se da terceirização ao home-office, surgem os free-lancers e os “p.j.” (pessoa-jurídica). Os trabalhadores são empreendedores de si mesmos, ponderam sobre a possibilidade dos horários flexibilizados, mas abdicam das garantias trabalhistas e permanentemente angustiados com o devir.

Neste mesmo sentido apontam as pesquisas científicas, ou podem ser percebidos nos reflexos sociais, como o consumismo de artigos tecnológicos descartáveis, o baixo nível de escolarização e a carência de pensamento crítico para a discussão sobre os discursos do infoentretenimento, que as discrepâncias das classes sociais se mantiveram, mesmo frente à inovação tecnológica. Há reificação da criatividade e do conhecimento. A sociedade passa a generalizar a informação, valorizando-a devido a abundância no acesso aos meios de comunicação, mas desprezando o processo de reflexão para o conhecimento.

Há, ainda, outro ponto a ser explorado ao se buscar a natureza da centralidade do trabalho na vida do homem: o trabalho permite conferir uma personalidade e também um discurso de pertencimento. Vejamos outro trecho da discografia de Gonzaguinha, *E Vamos à Luta*:

*Eu acredito
É na rapaziada
Que segue em frente
E segura o rojão*

*Eu ponho fé
É na fé da moçada
Que não foge da fera
E enfrenta o leão*

*Eu vou à luta
É com essa juventude
Que não corre da raia*



*À troco de nada
Eu vou no bloco
Dessa mocidade
Que não tá na saudade
E constrói
A manhã desejada...(2x)*

*Aquele que sabe que é negro
O coro [couro] da gente
E segura a batida da vida
O ano inteiro*

*Aquele que sabe o sufoco
De um jogo tão duro
E apesar dos pesares
Ainda se orgulha
De ser brasileiro*

*Aquele que sai da batalha
Entra no botequim
Pede uma cerva gelada
E agita na mesa logo
Uma batucada
(...)*

*Título da Canção: E Vamos à Luta
Autoria: Gonzaguinha
Álbum: Meus Momentos, 1987*

Há forte referência ao engajamento dos jovens na luta contra a ditadura e a repressão, mesmo o autor/cantor e também jovem, Gonzaguinha, foi vítima de perseguição. O movimento operário, nas fábricas se acentua. Mas, embora vivendo na batalha pela vida, é o lazer que estabelece a mediação entre as contradições dos ambientes do trabalho e da vida social, como uma válvula de escape à exploração da força de trabalho cada vez maior. Ao se deixar o ambiente de batalha/trabalho, que pode ser a pressão exercida na linha de montagem da fábrica, será no encontro no botequim, com uma cerveja gelada à espera do batalhador/trabalhador que se oculta e se compensa a incoerência de se estar em “guerra” pela “vida”, um contrasenso e uma rebeldia à condição de dominados.

*Aquele que sai da batalha/Entra no botequim/Pede uma cerva gelada/
E agita na mesa logo/Uma batucada*



Vemos em Marx, citado por Friedmann (1983), a propósito do tempo livre: “o tempo livre, o tempo de que se dispõe, seja para gozar do produzido, seja para se desenvolver livremente, eis a riqueza real⁴”. E nada mais justo poder dispor de sua riqueza a seu bel prazer: na música e no botequim, é a hora do encontro.

Na pesquisa “Mediações do mundo do trabalho na Comunicação⁵”, o relacionamento interpessoal é um dos aspectos destacados: “o mundo do trabalho é uma extensão da casa quando se trata do relacionamento entre colegas” (Figaro, 2001, p.15). É no espaço do trabalho que o sujeito se apropria do seu papel de cidadão, compartilha sua vida pessoal com os colegas, é espaço de trocas de experiências e também de disputas e embates. As experiências são positivas e negativas, mas, sobretudo, há uma manutenção da criatividade e do ineditismo da ação humana. O trabalhador impregna aquele espaço com as suas características pessoais ainda que sob prescrição. São palavras e gestos solidários, um conhecimento compartilhado que não pode ser manipulado pelas rotinas prescritas.

Tal fato ocorre porque a forma mais antiga e eficaz de se transmitir o conhecimento é pela comunicação. Apresentamos a seguir um trecho de Benigno Cáceres, autor de *Loisirs et Travail du Moyen Age a nos Jours*:

Au Moyen Age, pour le plus grand nombre, le savoir se transmettait par la parole. Cet tradition orale - malgré la difficulté du langage, différent dans chaque province - était le moyen d'échange, de communication, et permettait de conserver l'héritage des connaissances du passé.(...) Ce point commun leur permettait de se mieux comprendre et de conserver entre eux des liens profonds.

Em tradução livre, ilustramos com esta passagem que desde a Idade Média, e mesmo anterior a isto, a transmissão do saber se dava pela palavra. Embora com dificuldade, devido à diferenças locais, a linguagem era o modo de troca, de comunicação e de manutenção da herança dos conhecimentos do passado. Este ponto em comum lhes permitia compreender e conservar laços profundos.

A tradição da transmissão oral dos conhecimentos mais específicos, permite compartilhar os conhecimentos da atividade laboral, tal como se faz com uma herança,

⁴ MARX K., *Le Capital*, t. III, 2ª parte, cap.48, diz “é o verdadeiro domínio da liberdade”. Friedmann, Georges. **O Trabalho em Migalhas**. São Paulo: Perspectiva, 1983, p.222.

⁵ FIGARO, R. **Comunicação e Trabalho: estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.



e, se por um lado cria laços profundos entre os trabalhadores, de outro dificulta a apreensão deste conhecimento pelos processos de gestão do trabalho, implantados pelo capitalismo em busca da mais-valia. Esta relação de comunicação tão significativa do ambiente de trabalho pode ser apreendida pela abordagem ergológica, que “prioriza, do ponto de vista epistemológico, o estudo das situações de trabalho a partir da dialética entre os saberes instituídos (norma, prescrição) e os saberes da experiência (inédito da atividade concreta)”, segundo Schwartz e Durrive, citados por Figaro (2010).

Esta vivência humana no cotidiano do trabalho, como a regulação temporal e espacial das rotinas de trabalho são as perdas dos trabalhadores da atualidade. Elas vão além das demais repercussões das “mutações no processo produtivo no padrão da acumulação flexível, como: a desregulamentação dos direitos do trabalho; aumento da fragmentação no interior da classe trabalhadora; precarização e terceirização da força humana; destruição do sindicalismo de classe e sua conversão num sindicalismo dócil, de parceria (*partnership*), ou mesmo um “sindicalismo de empresa” (ANTUNES, 2001, p. 52-3).

Essas mudanças, ou perdas, foram apontados nos estudos de Harry Braverman, na década de 1970, e mais recentemente por Carlos Scolari. Estes autores nos alertam para as estratégias de uso das tecnologias de informação e comunicação no processo produtivo. O trabalho fragmentado, como nos call-centers, não exige largos conhecimentos prévios e absorve mão-de-obra inexperiente e facilmente recrutada no mercado; é repetitivo, altamente prescrito e controlado, conduz o trabalhador ao estresse psicológico e físico semelhante a linha de produção do modelo taylorista-fordista.

Braverman (1977:32) discute a partir destas alternâncias das atividades de trabalho na esteira tecnológica o fato de que não se constituem como “nova” classe trabalhadora organizada politicamente. Carlos Scolari (2008) explora as mediações tecnológicas, também chamadas hipermediações, referindo-se às mudanças que ocorrem nas profissões, principalmente, as ligadas a produção da comunicação.

Ressaltamos os aspectos da nova organização do trabalho: devido às possibilidades tecnológicas, as barreiras do espaço e do tempo foram superadas e o mundo virtual sobreleva-se. Pode-se trabalhar em várias atividades ao mesmo tempo, definindo um novo tipo de relação trabalhista, são os chamados consultores de projetos. Ou, então, pode-se superar a barreira do tempo, as 24 horas do dia são destinadas à troca de informações e de trabalho. O tempo do relógio não é impedimento, enquanto é noite do Ocidente no Oriente já há um novo dia de trabalho, e o trabalhador pode “estar” em



atividade independente da noite ou dia na sua locação. Aliás, pode-se trabalhar em casa, ou durante uma viagem de ônibus ou na sala de espera do médico.

A vida é dedicada integralmente ao trabalho. Mas há um contraponto, a rapidez das relações, mais freqüentes, tornam as comunicações e as relações mais superficiais, e como se organizar em classes trabalhistas? Não se visualiza o opressor.

O encontro após o trabalho ficou perdido na agenda do celular, palm, ou tablet que guardam muito trabalho. A solução é organizar espaços compartilhados de trabalho, reinventando as “repúblicas estudantis” para sair do home-office e vivenciar o cotidiano de trabalho, os encontros e as divergências com os “colegas de trabalho” e depois, talvez, uma cerveja gelada e uma batucada.

Na modernidade, se a atitude inovadora do homem no trabalho está quase apartada de seu dono, acontece na arte e na estética o seu justo resgate. Mas, resta-nos saber quem nos representará, hoje, os tecno-homens, qual será o nosso reduto? Será na imagem e no som, em *blue-ray high-definition*?

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. **Registro e representação do cotidiano**: a música popular na aula de história. *Cad. CEDES* [online]. 2005, vol.25, n.67, pp. 309-317.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

BAKTHIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**. A degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CACÉRÈS, Benigno. **Loisirs et Travail du Moyen Age a nos jours** . Paris: Éditions du Seuil, 1973.

FÍGARO, Roseli. **Comunicação e Trabalho: estudo de recepção**: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.

_____. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Comunicação e Trabalho para mudanças na perspectiva sócio-técnica**. São Paulo: Revista USP, n.86, 2010.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo; Loyola, 1993.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.



LEONTIEV, Aléxis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediações**. Elementos para uma teoria de la comunicacion digital interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

REFERÊNCIAS MUSICAIS

GONZAGUINHA, (Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior), **Guerreiro Menino**, Álbum: Geral, 1983.

Disponível: <http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/688875/> ; acesso: 6/02/2011.

GONZAGUINHA, (Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior), **E Vamos à Luta**, Álbum: Meus Momentos, 1987.

Disponível : <http://letras.terra.com.br/gonzaguinha/259335/>; acesso: 6/02/2011.